



**R**umar na incerteza sempre foi o meu esporte favorito. Enquanto meus amigos buscavam conquistar resultados em jogos cheios de normas, regras e objetivos, eu gostava da anarquia das dúvidas ocasionada por leituras diárias, seja durante as manhãs entediadas de cerração, durante as noites horripilantes de silêncio, ou nas tardes escaldantes de calor.

– O sol está fraco agora, Binho. Já pode sair! – dizia minha mãe, angustiada por me ver trancafiado no quarto, enquanto meus amigos faziam estripulias na rua.

Naquele tempo, adolescentes de cidades pequenas eram como crianças – espécimes de faíscas que hoje estão ameaçadas de extinção. Mesmo que ninguém nos contasse o motivo, intimamente sabíamos que nossos corpos não podiam mais se misturar como antigamente. Havia um acordo tácito entre meninos e meninas, entre pernas, braços, bocas e olhos. Cabelos se embarralhavam de vez em quando em alguma brincadeira.

Mãos também, mas em uma versão um pouco mais íntima de nossas cumplicidades. Verdade seja dita: apesar de discretos, meus olhos naquela época eram como beija-flores famintos. Aline possuía postura alva de quem não pede, sentença. Era esguia e seu corpo parecia mármore. Verônica tinha óculos de guerrilha, cabelos com cortes retos e sede de participação. Ana era metade “não sei” e metade “quem sabe”. Estava sempre em cima do muro, livre, como os gatos vira-latas. Cecília, por sua vez, era visão de uma orquestra quando, para este espectador, resta apenas uma única cadeira na arquibancada do Teatro Municipal. Nos cabelos vivos, o crepúsculo; nos olhos, espécie de tristeza intrínseca. Na boca, uma rosa tímida. Nas bochechas, sardas sem beijos. Sua testa encaixaria em meu queixo, como quebra-cabeça. Eu não tinha dúvidas quanto a isso, pois, volta e meia, nos colocavam frente a frente em alguns jogos de cabra-cega. Nos braços ainda estabanados de quem nunca amou, a verdade crua de sua beleza física. Eu perdia mais tempo naquela época pensando em seus pés do que em minha própria jornada frente ao destino. Assistir ao balé de Cecília era como ser parte de algum plano divino. Meus olhos saltavam junto com seus pés paralelos e encontravam as rendas de sua saia. Seu desempenho no papel principal de minha peça teatral mal havia começado; o teatro mal havia entoado os três primeiros toques e eu já me sentia comovido por não poder me aprisionar em seu colo. Apesar de ser solto na literatura, eu era cativo da menina que me cativava, era

Virgílio em noites de inspiração, Fausto durante um ataque de pânico, Poliana em dia de Natal.

\*\*\*

Hoje, percebo que aquele mundo era como as índias cobiçadas por Cabral. Qualquer navegador mal-intencionado poderia ancorar sua nau naquele universo de ingênua felicidade e destruir com maledicência, vírus da gripe e vertigens de outros mundos essa fantástica visão do paraíso. Meus amigos eram portos seguros – ancoradores feitos de madeira rústica, com suas rachaduras, pregos e nós. Suavam nos jogos, sangravam nos combates, dormiam a céu aberto e alimentavam o sonho de se tornar gigantes em terra de anões.

De todos, o que eu mais admirava era Conrado. Em seu retiro hospitalar, tinha o peito coberto de medalhas, mesmo sabendo que o fio dourado que lhe dava a vida se afinava cada vez mais diante dos olhos marejados de sua mãe.

– Como se sente hoje, Conrado? – a pergunta insistente e diária.

– Estou bem melhor. Meu médico disse que o tumor regrediu. Tenho esperanças de voltar para casa até o final do ano.

No braço esquerdo de Conrado havia um grande curativo. Foi ali, num sinal de nascença, que o câncer se originara.

– Que bom! – disse animado. – Estou com saudades.

Emocionalmente, estava preso ao dia em que Conrado me pedira para raspar sua cabeça. Naquela ocasião, ainda perturbado com as surpresas negativas que me rasgaram o coração, indaguei:

– Quer ficar careca, Conrado?

– Sim, é bem essa a intenção.

Posso dizer com tranquilidade que jamais conheci Conrado. A despeito de nossos primeiros passos, de nossas primeiras palavras, de nossos berços tão amigos, percebo que, com esses poucos anos de convivência, jamais tive condição de saber quem era aquele jovem de cabelos castanhos e porte majestoso.

– Seu queixo está branco, cara! – disse Conrado. Seu dedo no furinho do meu queixo.

– É o vitiligo – respondi.

Desde pequeno, sofro com as manchas em meu corpo. Agora, haviam tomado grande parte do meu peito e avançavam para o rosto.

– Todas as vezes que me irrita, ganho uma nova marca na cara – expliquei irritado.

– Quisera eu ter vitiligo – sorriu Conrado, revelando cansaço.

Percebi que o horário de visitas do hospital não era um bom momento para falar sobre doenças. Pedi um milhão de desculpas.

– Não precisa se desculpar! – disse Conrado, socando meu ombro. – Você se irritou com o quê?

– Com o Alexandro.

Eis um pirata. Não poderia ser comparado aos velejadores do velho-mundo que dominaram e exploraram novos continentes. Não! Tratava-se de um corsário, desses bem estúpidos, que saqueiam a cidade e sequestram mulheres em troca de bebida, ouro e fumo.

– O que ele fez dessa vez? – indagou Conrado, ligeiramente entediado.

– Longa história. Deixa pra lá.

– Conta!

Toda canção tem um refrão, um estribilho fácil de decorar. Os compositores utilizam esse tipo de recurso para tornar suas músicas mais famosas entre o povão. Quanto mais fácil o refrão, mais famoso e rico se torna o compositor. Pois bem... Alexandro lançou um refrão na canção de minha adolescência, uma forma de apelido que comumente todos passaram a utilizar:

– “Vai, vaquinha de presépio!”

– Vaquinha de quê? – indagou Conrado.

– “De presépio”. É assim que ele me xinga. É ou não é um pirata?

– Dos grandes. E Fabrizzio não faz nada?

– Não. Fabrizzio é legal, mas quando está com o irmão mais velho vira um idio...

Uma enfermeira entrou no quarto para injetar um líquido amarelo no soro de Conrado.

– E como vai todo mundo? – indagou Conrado.

– Soube que o Ric furou o pé num prego enferrujado após cair num bueiro.

– Sim, precisou tomar antitetânica, o coitado!

– E como estão o Zoé, a Aline, a Verônica, a Cecília...

Senti uma espécie de nó na garganta.

– Cecília convidou todo mundo para a festa de aniversário dela. Menos eu.

– Como assim, como assim?

– Longa história.

– Acho que ainda tenho algum tempo de vida, Binho.

Ops! Foi mal de novo! Tentei organizar meus pensamentos:

– Alexandro anda inventando histórias a meu respeito. Em conversa com a Aline, inventou que eu teria contado para todos os nossos amigos que Cecília e eu nos beijamos.

– Como é? – surpreendeu-se Conrado. – Você beijou a Cecília?

– Claro que não, Conrado! – respondi irritado. – Ele quer que as pessoas acreditem que eu lancei esse boato.

Senti que meu amigo ficou muito incomodado. Não devia ser fácil me ver em uma situação tão complicada e não poder fazer nada para ajudar.

– E a Cecília, como está com tudo isso? – indagou meu amigo.

– Depois que Aline espalhou a falsa notícia, Cecília parou de falar comigo.

– Mas, me conta... você gosta dela?

Senti meu rosto enrubescer. Nunca havia conversado sobre esse assunto com alguém e tinha muito medo de me expor.

– Não, claro que não! E mesmo que gostasse, Cecília deixou muito claro para mim, na frente de todo mundo, que nunca namoraria comigo.

– Ela usou a palavra “nunca”?

– Sim. Ela usou a palavra “nunca”. Isso dói, sabia?

Rimos novamente. Mal sabia Conrado que essa dor era verdadeira. Após Cecília pisar em meu coração, Aline ainda espezinhou:

– Quem mandou não ser bonitinho igual ao seu irmão?

Eu nunca contaria sobre minha paixão para o Conrado. Era uma situação muito humilhante.

– Fique tranquilo, Binho. Dona Maitê, mãe da Cecília, é muito amiga de sua mãe. Se sua mãe for convidada, você poderá ir com ela à festa.

– Gênio!

\*\*\*

Nas cavernas de minha personalidade, moram alguns homens pré-históricos. Esses primatas são fascinados pelos fenômenos da natureza. Quando um raio atravessa o céu e se choca com a terra, esses homens das cavernas saem de seus esconderijos para gritar, mostrar os dentes e brigar no meio da floresta carbonizada.

NO QUARTO  
COM O PRÓPRIO UMBIGO

BOOM!



UM VEM DE REPENTE

OUTRO NASCE COM

ESSE DESTAQUE





CONTEIG  
MPRE  
PER  
COM  
AM

...al g...  
...clásico...  
...de...  
...de...



QUE A MINHA POESIA TENHA ABRIGO

TOU  
SU DE  
SU A  
MUITOS  
M  
CASTIG  
CONTEIG  
MPRE  
PERIGOS  
COMPARCA



Nunca aprendi a controlar esse meu lado primitivo, mas meus inimigos sempre souberam como ativar esses monstros dentro de mim.

Após o primeiro dia de aula, ao atravessar a rua, confronto-me com Alexandro, o corsário, e sua cúpula formada por distintos “mendignos”. Pior do que ferir o corpo é ferir a alma. Mais uma vez, o refrão daquela conhecida canção popular:

– Vai, vaquinha de presépio!

Tentei ensaiar um discurso, tentei rebater na mesma moeda. Tentei, mas a voz não saiu. Meu corpo ficou pelo meio do caminho como bandeira nacional em dia de luto e eu engoli uma grande quantidade de veneno. Os risos se espalharam como fogo em um palheiro e fiquei absolutamente desapontado com minha falta de vocabulário diante da obviedade daquela injustiça. Ora, para que serviriam tantas horas de leitura em dias de sol? Apenas para evitar as terríveis queimaduras? Senti-me empalado e assado como os galletos que ardem no forno das padarias. Estava com os olhos remexidos de tanto ódio, com as ferraduras marcando o solo por onde passava.

Diante de minha casa, Zoé, meu irmãozinho, aguardava-me para brincar. Sua condição física era impecável, seus olhos verdes e cabelos louros contrastavam com os meus olhos pretos e pele morena cheia de buracos esbranquiçados.

“Ele sabe quem é o pai dele”, pensei, com inveja. “Além disso, teve sorte com a genética”.

O apelido e a brincadeira de mau gosto haviam riscado duas pedras incendiárias no céu. Dali, uma fâsca abrasou o campanário e alcançou as florestas negras de meu ego. Meus primatas dançavam um ritual de deslumbre e medo. “Será que um dia saberei quem foi meu pai”?

Zoé e seus olhos verdes me perseguiram pela casa:

– Zum, zum, zum, quer brincar de corrida? – indagaram seus cabelos amarelos.

– Não. Deixe-me em paz!

– Mas quero brincar com você.

– Vá procurar por seu pai, que tem a obrigação de lhe aturar. Eu não!

Lancei a porta do quarto sobre o rosto de meu irmão. O impacto o fez cair de costas no chão.

Um rio de choro ocupou espaço no ambiente. Um universo constante de reclamações tornou-se afluyente, com direito a pequenos constrangimentos e ordens que não atendiam ao desejo maternal de educar, mas sim de proteger o filho mais novo. Mais severa que a violência física, fora a violência psicológica impetrada ao pequeno Zoé abandonado por seu pai logo nos primeiros meses de vida. Um lago de culpa se formou em volta de mim. O calor da vergonha me dominou, a água do lago evaporou e o lodo começou a feder.

Resultado... O pequeno Zoé precisou ir para o hospital e tomar pontos na testa. Engasguei-me de tanto chorar, não apenas por infligir dor e tristeza ao meu

irmão, mas por ter apoiado em seus ombros frágeis a pesada consequência de minhas angústias.

Meu quarto foi transformado em uma caverna. Ali, meus primatas poderiam hibernar tranquilamente até o próximo dia de revolta.

Entre soluços, escrevi um libelo que guardo comigo até os dias de hoje:

*Estou de castigo!*

*Isso só acontece comigo! Estou sempre cercado de muitos perigos. Somem os comparsas, somem os amigos...*

*Sozinho no quarto, com o próprio umbigo!*

*Juro não dar mais abrigo a falsas pessoas, aos meus inimigos. Existem a verruga e o vitiligo! Um vem de repente, o outro nasce comigo.*

*Juro, nem ligo! Vou separar o joio do trigo.*

*Que a minha poesia tenha abrigo, na vida diária que agora persigo! Nobre que é nobre às vezes é mendigo. Tristeza é caixão, é flor de jazigo!*

O sono é o único avião que decola com as turbinas desligadas. Naquela noite, refleti sobre minha vida e não consegui dormir.

No dia seguinte, findado meu castigo, já carregava Zoé no colo, de um lado para o outro, como se nada tivesse acontecido. É incrível como o amor de irmão pode ser flexível: em um dia, estamos em guerra; no dia seguinte, na falta de bandeiras brancas, cuecas são hasteadas em sinal de paz.

Risos! Zoé tocava sua flauta e eu tocava o tambor. Marchamos até a sala onde travaríamos uma batalha épica contra Ric e seu irmão mais novo. Pistola de feijões foram sacadas. Tiroteios, gargalhadas. Entre uma cilada e outra, entre o começo, o meio e o fim, lembrei-me de Conrado. Senti-me um pouco culpado: “Deveria estar me divertindo, enquanto meu melhor amigo sofre numa cama de hospital?”

\*\*\*

Na noite que antecedeu o aniversário de Cecília, acordei sufocado. Um clarão ofuscou meus olhos e um choque elétrico me trouxe de volta para este mundo. Lembrei-me de Shakespeare e sua famosa frase: “o sono é o prelúdio da morte”. Não havia abismos no meu quarto. Também não havia claridade. Apenas silêncio e grilos. Muitos grilos.

“Formidável viagem essa”, pensei. “Será que gritei ao acordar, como fazem os protagonistas dos filmes de terror?” Pouco provável. Jamais tive pinta de galã.

Hefesto, divindade grega, preparava os raios que seriam atirados por Zeus naquela manhã de chuva. E eu, maculado pelo vitiligo, refletia sobre a natureza variável de quem sofre. Se vivesse em uma tribo indígena, não precisaria pintar o corpo para a guerra e seria idolatrado por todos. Mas, no mundo civilizado, “malhado” é aquele que sofre o malho. Tudo muito injusto. Eu queria ser Hefesto e não a bigorna onde seus raios são martelados.

– Mãe, preciso conversar com você.

Sem me preocupar com o tom ridículo e solene que antecede conversas complicadas como essas, indaguei:

– Meu pai tinha vitiligo?

Minha mãe dormia sempre no mesmo lado da cama, como se respeitasse o lugar onde o pai de Zoé dormiu por alguns meses.

– Acho que não, Binho. Já contei tudo que sei sobre ele. Não nos conhecíamos muito bem quando...

– A senhora o amava? – apressei-me em perguntar.

– Se eu disser que não, estarei mentindo. Se fosse vivo, ele teria muito orgulho de você.

Resolvi deixar minha mãe dormir. Era muito para uma manhã de chuva! Sua tristeza era motivada por péssimas lembranças. Ainda assim, eu a invejava. Eu não tinha sequer lembranças ruins de meu pai para partilhar. O vácuo causado pelas dúvidas me deixava surdo e suspenso no ar.

Uma cortina fina de seda me separava da infância. Através dela, conseguia avistar a dimensão oposta, onde o sol prevalecia em quase todos os períodos do ano. A faceirice de minhas emoções contrastava com a racionalidade disfarçada de Conrado. Minha palavra de ordem era “ser”, enquanto a dele era “existir”. Ele comia a melancia, eu plantava as sementes. Ele observava as abelhas, eu as estudava. Seus brinquedos eram intocáveis, os meus estavam sempre desmontados. Apesar do paradoxo de nossas aptidões, nossas ações conjuntas eram tão bem articuladas que nossa amizade se firmava

no campo meticoloso da semântica como um dos melhores exemplos de pleonasma. No horto da ingenuidade, o devaneio de nossas asperezas não passava de pólen suspenso no espaço.

Minha mãe e minha avó chamavam-me pelo diminutivo “Fabinho”. Não demorou muito e o tatibitate do Conrado apelidou-me carinhosamente do único nome que ele, em tão tenra idade, poderia pronunciar:

– Binho.

A partir de sempre, para todas as necessidades, Binho se transformara em meu nome de batismo. E desse apelido, confesso, sempre gostei.

\*\*\*

Experiências de vida geram lembranças. Foi por isso que resolvi entrar de penetra na festa de Cecília. Mal sabia que essa noite ficaria perpetuada em minha memória.

Nunca se viu neste mundo jovens tão bem-comportados: gravatas, vestidos longos, conversas afáveis e um ou dois aventureiros no meio do salão. O carnaval já tinha passado, mas as marchinhas de duplo sentido ainda ecoavam nos tímpanos da plebe e no cerebelo dos lordes.

Havia um muro separando os meninos das meninas. A única exceção era Zoé, idolatrado por uma corte de mulheres obcecadas com a ideia de ter filhos com a aparência de um deus grego.

– Seu irmão faz um baita sucesso com a mulherada – comentou Ric, que estava com o torso engessado, resultado da queda de um cavalo. – Eu luxei o ombro e não fui paparicado desse jeito.

Minha mãe pouco se importava com o *status* de propriedade pública que seu filho mais novo ostentava. Já eu, sentia um emaranhado de sentimentos formado por orgulho, ciúme e inveja.

Entre as meninas, estava a aniversariante. Sua mãe escolhera um vestido de renda branco típico de debutantes. A tiara de ouro branco que enfeitava seus cabelos foi um presente de seu pai. Ela estava muito bonita, mas a produção excessiva contrastava com a simplicidade de seus olhos e com a vertigem que sua natureza costumava me causar. Muito além de seus sapatinhos de cristal, eu sabia que morava no cerne de todo aquele esplendor uma menina que gostava de correr, dançar, sorrir e, de vez em quando, procurar em seu baú de momicas a malícia necessária para me lançar um de seus sorrisos avassaladores.

– Ela está olhando pra você, Binho – disse Ric, tapando a boca para que ninguém pudesse entender o que dizia.

– No mínimo, está rindo de mim com as amigas. Afinal, ela não me mandou convite.

– Jura? E como foi que você entrou na festa?

– Com a minha mãe.

– Que chato.

De repente, aconteceu um fenômeno que mudou o rumo do evento. Ouvi uma explosão de gritos que



me fez pensar que o pai de Cecília havia contratado um ídolo juvenil para animar a festa. Não! Sob uma chuva de aplausos e cumprimentos, reconheci a figura esquelética de Conrado em uma cadeira de rodas empurrada por sua mãe.

Imediatamente, meninos e meninas se reuniram em volta dele. Conrado estava vestido com um terno muito sóbrio para sua idade e um chapéu que disfarçava a careca.

O locutor pegou o microfone e pediu para que todos se sentassem em seus lugares. Uma dança muito especial haveria de acontecer.

Para a surpresa de todos os presentes, Conrado levantou-se da cadeira de rodas e caminhou até o centro do salão. Todos começaram a gritar eufóricos. Cecília já estava a postos e os dois entrelaçaram as mãos. Choro. As mulheres tentavam impedir que as lágrimas borrassem suas maquiagens; os homens disfarçavam a emoção e aplaudiam entusiasmados. A canção era *Bandeira Branca*, tocada em ritmo de bolero. A coreografia, previamente ensaiada em segredo no hospital, denotava a habilidade e a sensibilidade daquele inusitado casal.

Em determinado momento da dança, um *flash* espalhou luz pelo ambiente. Cecília rodou linda e brilhou seus olhos em minha direção. Aquilo já não parecia real. Meu coração estava torturado. Meu irmão gerava nas pessoas uma espécie rara de fascinação, Conrado guardara segredo sobre sua dança com a menina dos meus sonhos, que, por sua vez, sequer havia me convidado para a festa. Triste, resolvi me conformar

com meu papel de coadjuvante e, na trilha daquele fluxograma, aplaudi, assobiei e fingi uma felicidade que jamais senti em toda a minha vida.

Nos momentos finais da dança, Cecília mergulhou nos braços de Conrado e levantou uma das pernas, deixando a saia deslizar vagarosamente por suas coxas. Os meninos se quedaram paralisados – as sobrancelhas erguidas, as bocas abertas. Aplausos. Cecília era aprovada no ritual: deixava de ser uma menina para se tornar objeto de desejo para muitos rapazes que a assistiam. Devorei-me de dentro para fora. Certamente teria concorrência. Apesar dos astronautas americanos, não havia pousado na lua, mas requisitava sua posse, apenas por cortejá-la de longe, durante infindáveis noites sem nuvens.

Conrado não podia ficar por muito tempo. Recomendações médicas. Mas, antes de voltar para o hospital, o rapaz empurrou as enormes rodas de sua cadeira e me alcançou no fundo do salão.

– Tá perdido? – indagou-me com aquele sorriso aniquilador.

– Um pouco. Estou sem fôlego – respondi.

– Hoje, pelo visto, você é o pirata.

– Sem dúvida.

Conrado abriu os braços e me convidou para um abraço. Quando me aproximei, sussurrou nos meus ouvidos:

– Conversei com a Cecília. Ela sabe.

– Ela sabe o quê? – indaguei confuso.

– De tudo – respondeu com ar de mistério. – Somos garotos de sorte, Binho!

A informação não poderia ser digerida naquele espaço-tempo. Precisei me segurar para não fazer mais perguntas e acabar denotando meu estado de total fraqueza emocional. Conrado sorriu mais uma vez e aceitou de bom grado que eu empurrasse sua cadeira de rodas até a ambulância. Seus olhos pareciam azaleias recentemente regadas. Em seu peito, um turbilhão de emoções que se chocavam ininterruptamente. Uma vez alçado voo até a plataforma de embarque da ambulância, vi acenos circulares de suas mãos ensaiando um tímido adeus. Eu não podia supor que o destino me castigaria com a realização daquele desejo bobo por lembranças. E, até hoje, carrego na memória, de forma mal resolvida, a imagem de Conrado se despedindo na ambulância. Se soubesse que aquele seria meu último contato com meu melhor amigo, o convidaria para visitar nossos lugares favoritos, remontaria algumas de nossas brincadeiras infantis, sufocaria nossas almas com risos, abriria mão do ócio cognitivo de meus estudos para dedicar-me a seus últimos momentos, como um pai faria com um filho. Mas nada disso foi possível. Sobrava apenas o farelo de uma conversa enigmática aliado a um fortuito e enganador gesto de “até mais”. O outono de minha vida se aproximava. E naquele momento pude prever que sentiria falta do sol que me fustigava a pele adoecida. Seriam tempos difíceis que apontariam definitivamente os novos rumos de minha jornada através do tempo.

## A ÚLTIMA PALAVRA

A tristeza  
é correnteza de um rio  
sem margem.  
Quando alardeia meus olhos  
preenche o vazio  
sem coragem.

A última palavra  
é vento que encontra o mar.  
Não embaraça os cabelos,  
não fecunda as flores,  
não convida as folhas secas pra dançar.

“Adeus” é coisa do vento  
no comando dos céus.  
Leve-o embora!  
Pois a tristeza agora,  
é nau para resgatar ilhéus.

Se além do mar distante,  
alguém puder reaver o instante,  
que possa colaborar comigo.  
Traga a alegria de volta,  
o canto, a luz da aurora,  
junto com meu bom amigo.

A noite me trouxe o castigo.  
A tarde se foi e doeu.  
Nada pode ser mais triste  
do que quando a gente insiste  
em se despedir do melhor amigo  
que morreu.